

## Ser mãe cada vez mais tarde

No ano passado, mais de metade das mulheres que foram mães na Madeira e Porto Santo tinham idades compreendidas entre 30 e os 39 anos. Os dados disponibilizados pela Direcção Regional de Estatística da Madeira (DREM), revelam que 1.046 dos bebés nascidos em 2019 (55% do total de 1.891) foram de mulheres nessa faixa etária. 150 tinham mães com idade compreendida 40 e os 44 e 13 de mulheres com ainda mais idade: dos 45 aos 49. Houve ainda dois nados-vivos de mulheres com 50 e mais anos.

Estes números demonstram que as mulheres da Região são mães cada vez mais tarde. Se olharmos para os nascimentos registados em 1995, poderemos ver que 52% das mães tinham idades compreendidas entre os 20 e os 29 anos (1.598 de um total de 3.057). 787 tinham mães com idades compreendidas entre os 30 e os 34 e 307 de mães com idades compreendidas entre os 40 e 49 anos. Apenas 5 bebés nascidos em 1995 tinham mães com idades compreendidas entre os 45 e os 49 anos.

Estes dados corroboram outras informações disponíveis no portal da DREM e que revelam que em menos de três décadas a idade média da mãe da Região ao nascimento do primeiro filho aumentou mais de 6 anos: de 24,2 anos em 1990 para 30,3 em 2018.

E o facto das mulheres serem mães cada vez mais tarde, implica que tenham menos filhos, dado que interfere directamente na taxa de fecundidade da Região, ou seja, o número de filhos existem em cada 1.000 mulheres em idade fértil.

Segundo as informações do Instituto Nacional de Estatística (INE) relativas a 2018, a Madeira é a região do país que tem a mais baixa taxa de fecundidade do país: 30,9. A taxa média do país é de 37,9, sendo que a do continente é de 38,1 e a dos Açores de 30,9.

Se recuarmos a 1992, ou seja, 26 anos antes, a tendência era quase inversa: a Madeira tinha uma taxa de fecundidade mais alta do que a média do país (50,9 em comparação com o valor nacional que era de 45,5) sendo que os Açores registavam a taxa mais elevada: 63,9.

Essa tendência manteve-se aliás durante vários anos, comprovando que as mulheres da Região tinham em média mais filhos do que as mulheres do continente. Os números porém foram diminuindo ao longo dos anos e em 2007 assistiu-se a uma mudança de paradigma que se mantém desde então: a taxa de fecundidade da Madeira passou a ser mais baixa do que a média nacional.

### **52% dos bebés nascidos em 2019 eram primeiros filhos**

Assim sendo, não será surpresa que mais de metade dos nados-vivos registados no ano passado na Região (52% ou 1.008 de um total de 1.891) eram primeiros filhos. 625 eram segundos filhos e 188 foram os terceiros filhos. De destacar que houve um bebé nascido em 2019 que foi o nono filho de uma mulher.

Embora os dados até 1995 demonstrem haver sempre uma primazia de primeiros filhos entre o total de nados-vivos registados na Região, a verdade é que existia

anteriormente um maior número de segundos e terceiros filhos. Por exemplo, em 1995 houve 3.057 nados-vivos na Região. Desse, 1.448 (47,3%) foram primeiros filhos, 899 (29,4%) foram segundos filhos e 376 (12,3%) foram os terceiros filhos das respectivas mães. Houve ainda 150 bebés (5%) que foram os quartos filhos e outros 87 (3%) que foram os quintos filhos dessas mulheres.

### **Mães solteiras e sem partilhar casa com o companheiro**

Um outro aspecto revelado pelos dados da DREM é que, mais de metade dos bebés registados na Região 2019 nasceram fora do casamento, ou seja, de mães solteiras. A DREM revela que 40,8% dos nados-vivos de 2019 (772) nasceram dentro do casamento e os restantes 58,9% (1.119) fora do casamento. Curiosamente, 501 bebés (26,5%) tinham mães solteiras que não coabitavam com o companheiro.

Esta é uma tendência que se tem verificado desde 2016 já que, antes disso, a maioria dos bebés da Região nasciam dentro de um casamento. Em 1995, por exemplo, 84,4% dos nados-vivos foram registados dentro de um casamento e apenas 15,6% fora de uma união formal. Só 6,2% dos bebés nascidos nesse ano eram filhos de mães solteiras que não coabitavam com o pai.

*Ana Luísa Correia*

TENDÊNCIA TAMBÉM NACIONAL

■ Em 2019, do total de nascimentos registados no país, 64,3% correspondiam a mães com idades entre 20 e 34 anos; 33,3% com 35 e mais anos e 2,4% a mães com menos de 20 anos. Entre 2010 e 2019, registaram-se decréscimos nas proporções de nados-vivos de mães com idades inferiores a 20 anos e de mães com idades dos 20 aos 34 anos, respectivamente de 1,6 e de 9,9 pontos percentuais (p.p.). Em contrapartida, ao longo deste período, verificou-se um aumento de 11,5 p.p. na proporção de nados-vivos de mães com 35 e mais anos de idade.

Na União Europeia, em 2018, ano mais recente para o qual existem dados comparáveis disponibilizados pelo Eurostat, seis países registaram mais de 30% dos seus nascimentos em mães com idade igual ou superior a 35 anos. Portugal foi o quinto país desse grupo, com cerca de 33% dos nascimentos observados nesta faixa etária, e Espanha, o primeiro país, com cerca de 40% dos nascimentos neste grupo etário.

In “*Diário de Notícias*”